

Padre Cícero Romão Batista e a sua pastoral transformadora no nordeste brasileiro

Francilaide de Queiroz Ronsi¹

Resumo: No nordeste brasileiro, o Pe. Cícero Romão Batista viveu o seu ministério dedicado aos pobres e sofredores do sertão, comprometido com as causas dos pobres – que é a causa de Jesus. E, por isso, mesmo tendo sido afastado de suas ordens ministeriais, reinventa a sua pastoral para não se afastar do povo. Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi conhecer a práxis pastoral de Pe. Cícero e como ao seu redor foi se constituindo uma comunidade de fé. Encontramos, em pleno século XIX, uma pastoral marcada por uma postura profética e transformadora, indo além do aspecto religioso. Um destaque especial foi dado para sua atenção com a educação e a profissionalização das crianças e dos jovens, para o seu socorro aos mais necessitados e para algumas de suas ações em favor da promoção do bem comum. Por fim, compreendemos que, por causa dessa pastoral, de seu modo de proceder, os romeiros foram se constituindo como comunidade, desenvolvendo o ‘nós’ do compartilhamento do mesmo cuidado e da mesma atenção que tinham do padre. Para esse fim, foram pesquisadas algumas páginas da história de Pe. Cícero, de seus escritos e de testemunhos de alguns de seus romeiros.

Palavras-chave: Padre Cícero Romão Batista. Práxis profética e transformadora. Pobres. Educação. Comunidade.

INTRODUÇÃO

Cícero Romão Batista, nasceu em 24 de março de 1844 e faleceu em 20 de julho de 1934, na cidade de Juazeiro do Norte, Ce. Na devoção popular, é conhecido como Padre Cícero ou *Padim Ciço*. Carismático, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará bem como do Nordeste brasileiro. Nesta região do país, Pe. Cícero Romão Batista viveu o seu ministério marcado pelo comprometimento com as causas dos pobres e sofredores do sertão.

Logo após a sua ordenação (30 de novembro de 1870), o jovem padre partiu com destino ao Crato, onde deveria aguardar a sua nomeação para alguma comunidade. Enquanto esperava, o Pe. Cícero, próximo ao Natal de 1871, recebeu o convite para celebrar uma missa na capelinha de Nossa Senhora das Dores, localizada em um povoado muito pequeno, perto de Crato; nele havia três pés de juazeiro e algumas casinhas.

Neste povoado, depois de vários atendimentos, passa a celebrar regularmente na capelinha que se encontrava em ruínas. Até que

¹ Doutora em Teologia Sistemática pela PUC Rio. Docente do Departamento de Teologia da mesma Instituição. Contato: francilaide@puc-rio.br

numa tarde, depois de ouvir as confissões, ele vai descansar em uma escolinha perto da igreja. Foi quando teve um sonho que lhe guiará a vida. Ele viu o Sagrado Coração de Jesus rodeado pelos 12 apóstolos entrando na sala onde ele mesmo, Pe. Cícero, estava dormindo. Quando Jesus ia começar a falar aos apóstolos, entra de repente na sala uma multidão de retirantes. Então, Jesus dirigiu a palavra àqueles pobres e, depois, voltou-se para Pe. Cícero e ordenou: “E você, Pe. Cícero, tome conta deles” (DUMOULIN, 2017, p. 91).

Em seguida, revelou-se convicto de que lhe havia sido designada a sua missão como sacerdote. Logo depois se muda com sua mãe e suas irmãs para o povoado e pede ao bispo a sua nomeação como capelão da capela de Nossa Senhora das Dores.

O ideal pastoral do jovem sacerdote era se colocar a serviço dos pobres, vindo de vários lugares do Nordeste brasileiro que passavam pelo povoado, até que estes foram firmando moradia ao seu redor. Ele assumiu com seriedade o pedido que recebera em sonho do Sagrado Coração de Jesus e não media esforços para conduzir as pessoas ao encontro com Deus, procurando alimentar a fé e animar a prática religiosa, sem se descuidar de suas necessidades materiais.

O seu trabalho pastoral foi organizado a partir de três pilares: profunda vida de oração, a convivência com o povo, por meio de visitas domiciliares, e as pregações, não importava o lugar, se era no púlpito da igreja, embaixo de uma árvore ou na janela de sua casa (DUMOULIN, 2017, p. 87-88). Dessa maneira, conhecia as pessoas em sua necessidade religiosa e percebia que a fome era consequência da falta de uma formação profissional e que na ausência de um trabalho formal era preciso criatividade empreendedora.

Essa sua atenção pastoral, antecipa as palavras do Papa Francisco direcionadas aos missionários e pastores, quando disse:

com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, “tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz (EG 24).

Por isso, como veremos, todos o tinham como um pai, por terem com ele uma relação paternal. Para além de um confessor, de um conselheiro; era mesmo um pai, daí a origem de o considerarem como ‘meu padrinho’ (pequeno pai), ternura de pai que lhe rendeu o título de “padrinho dos pobres”, e a razão do porquê ao seu redor foi se constituído uma comunidade de fé.

1 A REVIRAVOLTA NA VIDA E NA PASTORAL DE PE. CÍCERO

Pe. Cícero recebeu várias influências. Foram muitos os testemunhos de vida que ao longo do tempo foram forjando o jovem Cícero por dentro: desde o Pe. Ibiapina, para o qual o “apostolado se realizava a partir dos problemas humanos”, a São Francisco de Sales, que se deixava marcar pela “caridade e a doçura”, ao Pe. Inácio Rolim, com quem aprendeu a “pedagogia do ensinar fazendo” (RONSI, 2021, p. 78-85).

E foi assim, inspirado em Ibiapina, que recrutou beatas, para auxiliá-lo na tarefa de propagar a palavra de Deus. Uma dessas beatas, Maria de Araújo, no dia 1º de março de 1889, numa sexta-feira da Quaresma, durante a comunhão, viveu a experiência de ter em seus lábios a hóstia convertida em sangue. Tal fenômeno se repetiu várias vezes e foi conservado em segredo até 1891.

Até que foi anunciado em público, pelo monsenhor Francisco Monteiro, rompendo com a tranquilidade do padre. Uns acreditaram no fato, outros pensavam que Maria de Araújo era um simples caso de histerismo. A notícia do fenômeno fica conhecido por todo o Brasil e os primeiros forasteiros apontam no povoado. Milhares de famílias, doentes, cegos e mudos vêm de muito longe para o vilarejo. No domingo 07 de julho de 1889, na festa o Precioso Sangue, o povoado assistiu, pela primeira vez, à chegada maciça e ordenada de milhares de peregrinos, era a primeira de muitas romarias (NETO, 2009, p. 66).

Inicia-se uma longa investigação por parte da Igreja. O bispo envia uma comissão para estudar o fenômeno. A comissão concluiu que se tratava de fatos que não tinham explicações naturais, e afirmou que não era um embuste. Essa conclusão não foi aceita pelo bispo (RONSI, 2021, p. 91-92).

O resultado da investigação gerou um enorme dissídio no clero cearense, uma parte não reconhecia a veracidade da experiência que estava vivendo Maria de Araújo enquanto a outra apoiava o Pe. Cícero. Nesse contexto, a população sertaneja, que conhecia o padre e a beata, acreditou que tudo era uma manifestação divina (NETO, 2009, p. 28), que era um milagre. Maria de Araújo, mesmo com o reconhecimento do povo, deixa de ser o foco principal de devoção, a atenção se volta para o Pe. Cícero.

Nunca foi provado que se tratava de um embuste. Entretanto, os romeiros nunca deixaram de acreditar e as romarias não deixaram de acontecer. Até que, de Roma, foram solicitados esclarecimentos ao Bispo, e este tomou a decisão, em 5 de agosto de 1892, de suspender o Pe. Cícero de suas ordens (DUMOULIN, 2017).

Depois de muitas reviravoltas e envolto por muito sofrimento, Pe. Cícero foi obrigado a deixar o povoado. A Santa Sé julgou a questão e a ratificou em 1897. O fenômeno, reconhecido como milagre pelo povo, é condenado e ele recebe o prazo de dez dias para deixar o povoado, sob pena de excomunhão (MOREL, 1966, p. 31). No entanto, escolheu ficar, pois não lhe seria possível ser infiel ao pedido do Sagrado Coração de Jesus quando, em sonho, disse: “e você, Pe. Cícero, tome conta deles” (RONSI, 2021, p. 92).

2 UMA PRÁXIS PASTORAL A PARTIR DA REALIDADE

Quanto mais o padre sofria com as perseguições, mais ele recebia o apoio e o carinho dos nordestinos. Silenciado do púlpito e afastado do altar, consagrou-se no coração do povo. Não podendo mais confessar, celebrar e pregar, ele tornou-se padrinho de todos.

Como não podia pregar na igreja, o Pe. Cícero abriu as janelas da sua casa e de lá falava aos romeiros. Sua fala era simples, cheia de referência própria da fé sertaneja, arrebatava e comovia multidões.

A sua pastoral passou por uma profunda modificação, a começar pelo fato de não exercer nenhuma função litúrgica e sacramental, aprimorou a escuta e a habilidade em dar conselhos. Assumiu a vida do povo, dedicando-se aos desafios econômicos, a sua capacitação profissional e a educação formal das crianças e dos jovens. Todos afirmavam que o Espírito o animava e dele se utilizava para acompanhar e cuidar das pessoas.

Pe. Cícero sabia ouvir, manteve-se atendo às pessoas, não lhe importava a origem social. Antes de Paulo Freire nascer e escrever o livro *a Pedagogia do oprimido*, encontramos nas ações do padre do sertão uma escuta atenta e acolhedora, a valorização do diálogo construtivo, o reconhecimento do valor e da dignidade do “oprimido”, de quem era sem voz e sem vez. Influência da pedagogia de seu professor Pe. Inácio Rolim (DUMOULIN, 2017, p. 78).

Em vinte anos, com a fixação de milhares de pessoas atraídas pela forma de liderar e de orientar de Pe. Cícero, o povoado cresceu; o número de habitantes chegou a ultrapassar o das cidades vizinhas, o crescimento era também econômico. Preocupado com esse avanço, Pe. Cícero incentivou ao máximo a abertura de lojas e oficinas de artesanatos (NETO, 2009, p. 288) e manteve uma especial atenção na formação profissional dos jovens e nos seus estudos, chegando a colaborar para que alguns jovens fossem estudar fora. Com essa preocupação trouxe para o Juazeiro a congregação salesiana para orientar profissionalmente a juventude.

A sua práxis pastoral foi um grande trabalho para retirar as pessoas da miséria. Ele estimulou a agricultura, ensinou e orientou os agricultores, até que conseguiram a autonomia nos produtos básicos, como: arroz, feijão, milho, cana para rapadura, mandioca etc., o povoado ficou conhecido como celeiro do Ceará (COMBLIN, 2011, p. 42); ensinou o povo a ganhar o seu sustento, possibilitando os ofícios como: padeiro, carpinteiro, ferreiro, marceneiro e os mais diversos tipos de artesanatos; dava instruções sobre saúde, remédios medicinais; abriu várias escolas particulares e públicas e foi dele a iniciativa para a abertura do 1º orfanato.

A sua preocupação com a subsistência das pessoas ampliou a sua atuação religiosa. Ele orientava sobre os cuidados com o meio ambiente. Estes iam deste a atenção com a terra para a agricultura, com a proteção das encostas, até a atenção com a reserva da água. O seu conhecimento sobre como preservar a natureza do sertão era tão vasto que ele é conhecido como um modelo de ecologista e patrono das florestas pelo movimento Greenpeace, desde 2010 (RONSI, 2021, p. 99).

Toda essa dedicação não estava desvinculada de sua forma de evangelizar, que também acontecia enquanto corrigia vícios e abusos morais e, em pouco tempo, o vilarejo se tornou um modelo de ordem e de virtude para toda a região, acrescenta Comblin, o “Pe. Cícero era no Juazeiro o equivalente do santo Cura d’Ars” (COMBLIN, 2011, p. 13).

3 UMA COMUNIDADE QUE CRESCE AO REDOR DE PE. CÍCERO

Ao redor da presença de Pe. Cícero, os romeiros vão se constituindo como comunidade, desenvolve-se o ‘nós’ do compartilhamento do mesmo cuidado e da mesma atenção do padre, todos se aceitam como afilhados do padrinho Cícero, e o que era um povoado vai se tornando uma cidade, denominada por ele de Juazeiro do Norte.

E assim, as romarias colaboram para a manutenção e ampliação da devoção ao Pe. Cícero e a cidade vai se tornando o lugar sagrado para onde convergem todos eles. O padrinho, dessa forma, torna-se o responsável por essa convergência e a cidade adquire uma sacralidade. Não é difícil escutarmos dos romeiros a afirmativa de que “Juazeiro é a casa de meu padrinho Cícero”. A sacralidade da cidade tem sua origem no ministério sacerdotal de Pe. Cícero.

Mesmo o milagre tendo ocorrido com a beata Maria de Araújo e, dessa forma, a razão para as primeiras romarias, o Pe. Cícero se torna a pessoa responsável por sua continuidade. Ele, desde o início, era tanto um agente social que se destacava como uma grande liderança religiosa, quanto alguém que começava a externar sinais de santidade.

Os romeiros descobriram o rosto amoroso de Deus, revelado pelo próprio Cristo nas ações acolhedora e misericordiosa do Pe. Cícero, ao ponto que tudo o que recebia, dava a quem precisava, sem saber ao menos o que tinha acabado de ganhar. Não fazia distinção de pessoas, acolhia o pecador arrependido, o criminoso que queria mudar de vida, ensinava a viver e bem viver no semiárido, na caatinga. A todos ele recomendava: “Juazeiro, em cada casa uma oficina, em cada oficina, um oratório” (BARRETO, 2002, p. 33).

Com uma pastoral criativa e atuante, permeada pela compaixão e pela fé, a vida de Pe. Cícero foi uma vida em missão. Assim confirma um romeiro:

Pe. Cícero era tão unido a Jesus, como a lâmpada e a energia: a lâmpada sem energia não vale nada! Mas, com a energia, a gente nem percebe mais nem a lâmpada, era assim com o meu Padrinho Cícero: quando ele falava, quando ele agia, parecia o próprio Jesus que agia nele (DUMOULIN, 2017, p. 201).

O Pe. Cícero faz a experiência de ser colocado à margem pela estrutura eclesial, por meio dos vários decretos e, na mesma intensidade, o seu sofrimento é assumido pelo povo que o acompanha e dele vai se tornando mais próximo. O capelão, aos poucos, torna-se um

grande líder social e político e a cidade de Juazeiro um centro de romarias. Sua atuação, antes restrita ao espaço religioso, começa assumir contornos políticos e socioeconômicos. Ele possuía a habilidade de agir como sacerdote na conjuntura sociopolítica e econômica, sem se afastar do viés religioso.

No aspecto religioso a sua infância e adolescência foram marcadas pelo catolicismo piedoso, centrado na devoção e no culto aos santos mais do que um catolicismo centrado nos sacramentos, experiência propagada pelo clero e episcopado romanizado a partir do séc. XIX (AZZI, 1978, p.125-149). No seminário ele viveu um catolicismo romanizado, com ênfase nos sacramentos e na devoção sacramental. Ele está entre essas duas realidades. No entanto, é indissociável da vocação de Pe. Cícero o compromisso que assumiu com os romeiros, quando lhes foram confiados pelo Sagrado Coração de Jesus, no sonho em 1872.

Foram 62 anos de sua vida dedicados aos pobres dessa região. Segundo Comblin, “o povo consagrou Pe. Cícero porque ele antes entregara a sua vida aos pobres. Amou sinceramente os pobres. Foi um incansável defensor dos pobres que o procuravam para solucionar todo tipo de problemas e questões” (COMBLIN, 2011, p. 41).

CONCLUSÃO

Neste curto percurso, percebemos que o caminho percorrido pelo Pe. Cícero não foi apenas por sua simples escolha, mas uma ‘imposição’ de Deus sobre ele. Deparamo-nos com uma vida entregue a uma práxis pastoral dedicada ao povo mais sofrido, marcada por seu tempo, por tantas experiências e aberta à ação de Deus. O cuidado, a escuta e a solidariedade com o sofrimento dos mais pobres, vividos pelo Pe. Cícero, transformaram o modesto padre, no Padrinho Cícero, pessoa tão bem conhecida e amada por todo o Nordeste.

Pe. Cícero, um grande líder religioso e político na luta pelo reconhecimento do seu ministério sacerdotal teve, apenas no dia 23 de fevereiro de 1921, do Santo Ofício, a absolvição da pena de excomunhão, mas o manteve suspenso das ordens sacerdotais. Na luta por essa reabilitação, com a idade de 92 anos, cego e muito debilitado, morre em Juazeiro no dia 20 de julho de 1934. Seus últimos gestos vacilantes foram traçar três cruzeiros no ar, dizendo: “no céu, eu rogarei a Deus por todos vocês” (NETO, 2009, p. 550).

Morre sem conseguir o que mais desejava: reabilitação de suas ordens sacerdotais. No entanto, é aclamado, pelo povo, Santo!

Seu pastoreio foi encarnado na realidade do povo, manteve-se atento ao cotidiano e às necessidades dos seus fiéis. Como todo o santo que se preze, ele é santo porque – para seus devotos – também faz milagres e intervém junto a Deus.

Em suma, a práxis pastoral de Pe. Cícero o levou a ser conhecido como santo. Uma devoção popular provocada por sua força atuante, presente na vida de todos os que nele procuraram por qualquer razão. Ele foi e continua sendo o pai e o padrinho de uma multidão

de pessoas que, por ouvir dizer sobre que o ele fez ou por sentir a sua intercessão, continua recorrer a ele.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. In *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, n. 1, p.125-149, maio de 1977.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Padre Cícero*. São Paulo: Loyola, 2002.

COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011.

DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOREL, Edmar. *Padre Cícero: o santo do Juazeiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 1966.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

RONSI, Francilaide de Queiroz. Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino. In: GONZAGA, Waldecir.; FERREIRA, A. L. Catelan.; ANDRADE, Paulo F. C. (orgs.). *Um padre e sua fé: Cícero, história e legado*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, 2021. p. 75-103.

SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.